

Padre António Vieira: uma vida em tensão, um legado em debate

Missionário e diplomata, pregou a igualdade de todos perante Deus e defendeu a escravatura. Figura contraditória, polariza agora por cá uma discussão que se desenrola mundo fora

História Mário Lopes

“Descoloniza”, escreveram no pedestal da estátua de Padre António Vieira, vandalizada antontem no Largo Trindade Coelho, em Lisboa. A mesma tinta vermelha foi aplicada na boca, nas mãos e no hábito do missionário jesuíta do século XVII, figura de absoluto destaque da cultura e das letras portuguesas, exacerbado oficialmente como pioneiro na defesa dos direitos humanos. A tinta vermelha na estátua firmou de forma evidente a visão contrária: está manchado de sangue o legado de António Vieira – mensagem acentuada pelo coração pintado no peito das três crianças ameríndias a seus pés.

A pichagem de uma estátua que nunca foi verdadeiramente consensual questiona a representação de António Vieira como humanista e activista antiesclavagista empenhado na defesa dos índios brasileiros quando Portugal era a potência que administrava aquele território, sublinhando a violência colonialista da acção evangelizadora e o facto de o padre jesuíta nunca ter condenado a escravatura dos povos africanos. O protesto surgiu num contexto específico, na sequência das manifestações que se sucedem nos Estados Unidos após a morte de mais um cidadão indefeso às mãos da polícia e da internacionalização do protesto norte-americano, com o debate a alargar-se à forma como o racismo e a discriminação se perpetuam.

Nos Estados Unidos, caíram estátuas de generais escravagistas da Guerra da Secessão – e foi decapitado um Cristóvão Colombo. Em Inglaterra, a estátua de um mercador responsável pelo tráfico de quase cem mil pessoas, e pela morte de 20 mil, foi atirada ao rio – e nem Churchill esca-

pou à vandalização (ver pág. 34). Na Bélgica, estátuas e bustos do imperador Leopoldo II, que supervisionou o domínio colonial sobre o Congo, assegurado de forma criminosa, particularmente cruel e, já à época, alvo de contestação, têm sido vandalizadas. Em Portugal, foi Padre António Vieira o alvo. Não se tratou, porém, de uma erupção surgida do nada.

Afinal, a instalação da estátua naquele largo, em Junho de 2017, surgiu desde logo envolta em polémica. Manifestantes que se opunham ao memorial pretendiam marcar a ocasião com a deposição de uma coroa de flores, acompanhada de uma *performance* poética, o que foi impedido por um grupo de neonazis rodeando a estátua. As motivações para a contestação estavam bem definidas na convocatória da manifestação: “Não aceitamos essa estátua. Com a colaboração da Igreja, mais de seis milhões de africanos foram escravizados pelos portugueses no tráfico transatlântico. Padre António Vieira era um escravagista selectivo. A colonização portuguesa no final do século XVI já tinha dizimado 90% da população indígena. A evangelização jesuíta foi a maior responsável pelo etnocídio ameríndio.” Este é o ponto da discussão que então se abriu.

Uma fama contraditória

“Ocorre-me lembrar o que D. Francisco Alexandre Lobo, bispo de Viseu, escreveu em 1823, no rescaldo de um período particularmente intenso de discussões políticas durante o chamado primeiro triénio liberal: ‘tem sido notavelmente vária, e até contraditória, a fama do célebre jesuíta, o Padre António Vieira’”, aponta o historiador e professor universitário Diogo Rama-

da Curto em depoimento ao PÚBLICO, acrescentando: “O que equivale a dizer, de modo ainda mais sucinto, que o debate em torno de Vieira e da sua obra não foi inventado por nós, nem data da inauguração da estátua no cimo da Rua da Misericórdia.”

A canonização, digamos assim, da figura e da obra de Padre António Vieira, que nasceu em Lisboa em 1608 e viria a morrer em 1697 em Salvador da Bahia, no Brasil, a então colónia portuguesa que se tornara sua terra desde tenra idade (ali chegou pela primeira vez com os pais aos seis anos), é um mau serviço que prestamos à sua vida e ao seu tempo. “A vida e a obra de Padre António Vieira, como a de Camões, Eça ou Pessoa, comportam muitas dimensões, tantas vezes em contradição umas com as outras. No caso de Vieira, homem de acção, nos planos político e religioso, elas são ainda mais flagrantes do que em outros grandes escritores portugueses”, destaca Ramada Curto.

José Eduardo Franco, historiador que, juntamente com Pedro Calafate, foi responsável pelo projecto Vieira Global, no âmbito do qual foi publicada a obra completa de Vieira em 30 volumes, descreve o missionário como alguém que atravessou toda a sua vida em “tensão interior”, dividido “entre a sua vocação fundamental, ser jesuíta e missionário fiel aos ideais do Evangelho, fazendo dos seus sermões um eco de revolta, uma tribuna de pregação altamente crítica dos poderes instituídos, e o seu compromisso diplomático para com o Estado português”.

Para este historiador, qualquer acusação de racismo que seja lançada a Vieira é “totalmente inadequada”. “Num dos sermões mais emblemáti-

Data: 13.06.2020

Titulo: Padre António Vieira: uma vida em tensão, um legado em debate

Pub:

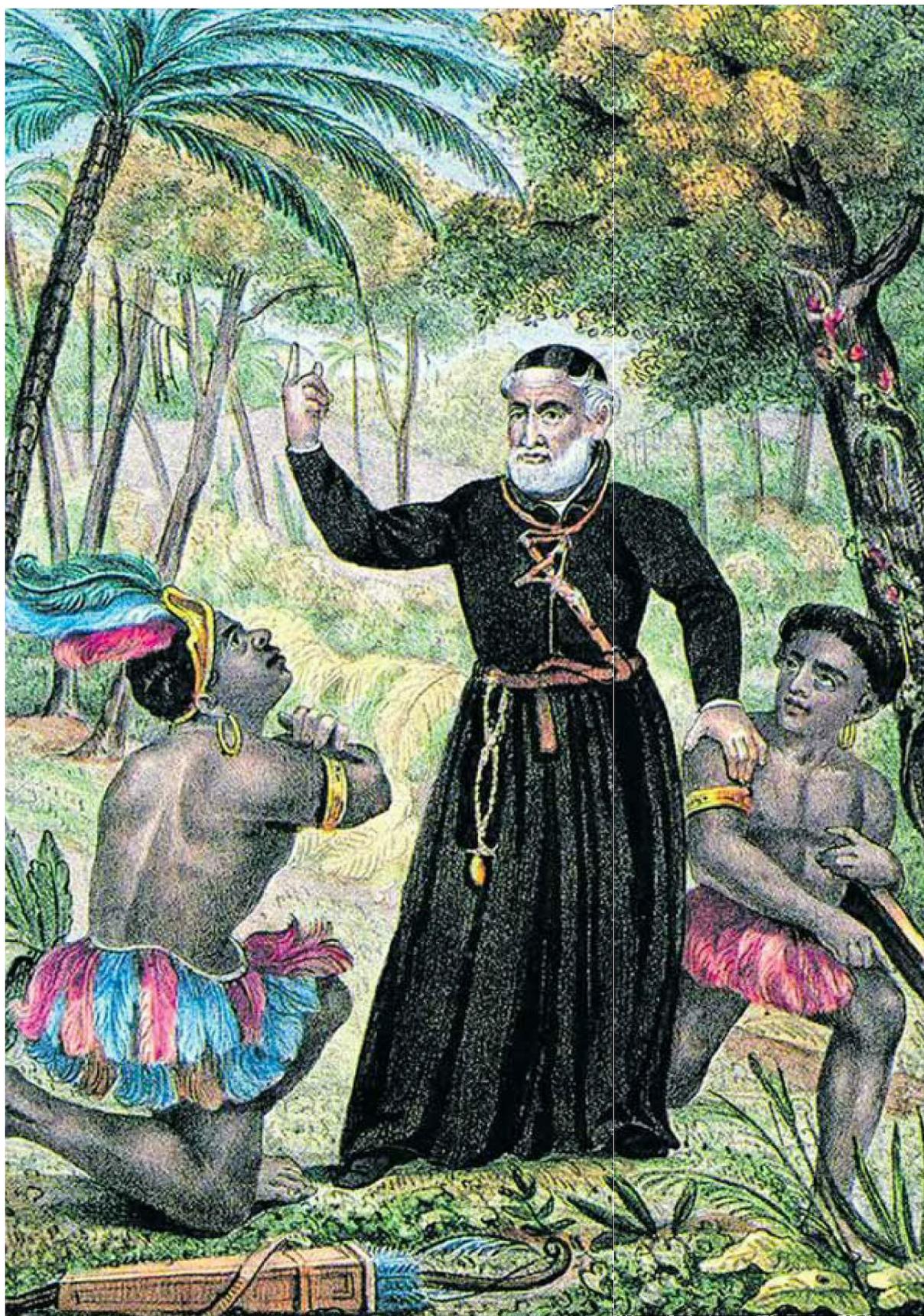


QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 32;33



Área: 1262cm² / 67%

FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6869283

cos, que ele prega à Confraria dos Pretos da Bahia [que reunia população negra escravizada ou já livre], faz uma forte crítica às condições laborais do trabalho escravo e compara o que os senhores faziam aos escravos ao que os fariseus e Pilatos fizeram a Cristo” – “Cristo despido, e vós despídos: Cristo sem comer, e vós famintos: Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo”, escreveu Vieira. Como escreveu também que a condição a que fora submetida a população negra se devia exclusivamente ao poder das armas, e não a qualquer superioridade natural, como viria a ser advogado muito depois, no século XIX, por eugenistas de diversos impérios do Ocidente – “Entre os homens dominarem os Brancos aos Pretos é força, e não razão, ou natureza. Bem se vê, onde não tem lugar esta força, nem a cor é vencida dela”, lemos no sermão XX do Rosário, aquele em que afirma que, aos olhos de Deus, “cada um tem a cor do seu coração”. Vieira também exerceria a sua influência para que, em 1655, fosse aprovada a liberdade de todos os índios – com exceções, naturalmente: podiam ser escravizados os aprisionados em “guerra justa” ou os que impedissem a pregação do Evangelho.

Em relação aos escravos vindos de África, porém, nunca o missionário advogou a sua libertação. Entra em cena o diplomata, homem de relações privilegiadas com a corte portuguesa. “Vieira era um missionário e tinha um ideal evangélico em que todos tinham as mesmas condições de dignidade como filhos de Deus”, diz José Eduardo Franco. Tal valeu-lhe a hostilidade dos colonos portugueses no Brasil, e também a animosidade de muitos em Portugal, onde pregava em defesa da população judia expulsa e se opunha ao termo discriminatório cristão-novo. “Ao mesmo tempo”, continua Franco, “era um político, e pretendia apoiar D. João IV na recuperação do império na sequência da Restauração. E, naquela época, toda a economia de todas as potências europeias era baseada no trabalho escravo”. A sociedade ideal de Vieira – “sem escrava-

tura”, assevera o historiador – colidia com a realidade do seu presente histórico. “Perante ela, defendeu que deviam melhorar-se as condições do trabalho escravo, mas que não era possível acabar com ele, porque colocava Portugal em desvantagem.”

Negros por índios

No congresso internacional Vieira – O Tempo e os seus Hemisférios, que decorreu na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, em Lisboa, quando do quarto centenário do nascimento de Padre António Vieira, Maria do Rosário Pimentel descreveu de forma esclarecedora a ambiguidade da posição de Vieira. “Como poderia o pregador pôr directamente em causa a mão-de-obra escrava, base da economia colonial? Como poderia ir contra o discurso oficial, sem ser de forma ambígua? Como poderia a missão evangélica concretizar-se sem a ajuda da autoridade civil e pondo em causa o próprio sistema colonial? Não era com o rendimento daqueles ‘açúcares livres de direitos’, resultante do trabalho do africano, que os missionários custeavam o seu trabalho, salvavam a alma do índio, vestiam e curavam o seu corpo, ensinavam a utilizar ferramentas? Não era com a escravidão que o africano resgatava a sua alma juntamente com a do índio das missões?

Isto é, não servia a escravidão o fim último da libertação do índio e do negro?”

O título do texto em que encontramos estas palavras, *Vieira e a Escravidão: “Cativo Temporal” e “Liberdade Eterna”*, alude à forma como o missionário resolveu em si aquela terrível contradição. Pedia à metrópole que fizesse chegar ao Maranhão, onde desenvolvia actividade missionária juntos dos índios, escravos vindos de Angola, dado que os colonos locais não tinham condições financeiras para os adquirir – escravos que eram necessários para atenuar a pressão sobre os índios que os colonos exerciam em busca de mão-de-obra gratuita. Aos escravos, pregava, por sua vez, a bondade e a submissão perante os seus senhores, pregava que se entregassem aos desígnios incompreensíveis de Deus, que os colocara naquela situação. Pregava que sofressem agora, pelo tempo limitado da sua vida, pois que depois chegaria a liberdade eterna. Aos seus senhores, não censurava a condição servil a que condenavam outros seres humanos, mas pedia-lhes que os tratassem bem, pois também nisso residiria a sua salvação. “Tende-os, cristãos, e tende muitos, mas tende-os de modo que eles ajudem a levar a vossa alma ao céu, e vós as suas”, concluía um dos seus sermões.



A estátua instalada em 2017 no Largo Trindade Coelho, em Lisboa, foi polémica desde o início

Tudo pesado, devemos mergulhar naquela que será, porventura, a mais profunda motivação de Vieira. “Será que o projecto da Companhia de Jesus de criação de aldeias a que os índios seriam reduzidos, para serem catequizados e doutrinados, era equivalente à sua libertação?”, questiona retoricamente Diogo Ramada Curto. “Em sentido inverso, será que o projecto de fazer entrar o Maranhão no circuito do tráfico de escravos do Atlântico era de iniciativa dos jesuítas, em geral, e de Vieira, em particular? A resposta a ambas as questões é, obviamente, negativa. Penso, aliás, que em ambos os casos o que está em causa é o espírito de missão de Vieira. O que ele pretendia era que todos – a começar pelos colonos e a terminar nas populações do Maranhão ou dos escravos africanos que por razões económicas lá não chegavam – fossem acolhidos pela Igreja Católica.”

Vendo-o a partir do nosso tempo, Ramada Curto defende que aquilo que mais sobressai na obra de Vieira “é a sua capacidade para conjugar a oratória com a missão, sem descuidar a negociação política”. Recorda, porém, em que consistia “o elogio das suas virtudes” 30 anos após a sua morte”, retirado de um “manuscrito inédito da Biblioteca Nacional”. Ali se homenageava essencialmente o homem devoto e a forma como se entregava à sua devoção. “A saber, a sua prodigiosa memória dos santos padres e autores que lera em moço, uma vida de privações, em especial quando trocou o serviço na corte para passar ao Maranhão.” E, ainda, “o seu amor pela Companhia de Jesus que o impediu de aceitar os cargos que lhe propunha D. João IV, o que representava desprezo pelas glórias terrenas; e, ainda, a sua devoção mariana traduzida na prática diária de rezar pelo Rosário durante uma hora”.

O abrir de uma ferida

A vandalização de uma estátua é um acto violento, mas sobretudo simbólico. Pode ser o início de uma nova discussão, o começo de uma redescoberta, o abrir de uma ferida. A representação escolhida para a escultura

de Lisboa, plasmada da gravura que abre a biografia escrita por André de Barros e publicada em 1746, provou desde o início não ser consensual.

“No século XXI devíamos preservar um lugar de memória, aspirando a valores pedagógicos. Eu optaria por uma estatuária diferente”, considera José Eduardo Franco. Recorda um dos sermões de Vieira, em que este equipara o seu trabalho missionário ao labor do escultor que, “da pedra informe, extrai um homem novo, um santo”. Seria assim a estátua de Vieira que imaginou, a de “um homem que, através da palavra, se trabalhou e modelou para ser melhor; que fez nascer homens novos”.

Diogo Ramada Curto discorda “das políticas comemorativas que adoptam quase sempre o estilo de pregar aos já convertidos”. No caso em apreço, tanto se distancia “dos que sentiram necessidade de recorrer à grande figura de Vieira para impor o valor dos seus cenóbios”, como “daqueles que condenam nele o facto de não ter antecipado a sua suposta tolerância tão abolicionista quanto anacrónica”. Remata: “Que os nossos combates pela igualdade e pela liberdade não sirvam para criar tabus e empobrecer a nossa cultura. A ambos os lados, recomendo a leitura de Vieira.”

mario.lopes@publico.pt

“

Vieira viveu dividido entre a vocação de missionário fiel aos ideais do Evangelho e o compromisso com o Estado português

José Eduardo Franco
Historiador